

“EU TE BENZO, MAS QUEM CURA É DEUS”: BENZIMENTO E BENZEDORES NO MUNICÍPIO DE AMATURÁ-AM

*“I BLESS THEE, BUT THE HEALER IS GOD”:
BLESSING AND BLESSING IN THE MUNICIPALITY
OF AMATURÁ-AM*

Erik Gonçalo Rubem¹

Renilda Aparecida Costa¹

¹Universidade Federal do Amazonas, Manaus, Brasil

RESUMO

O presente artigo é fruto de um estudo que assumiu o propósito de conhecer o ato de benzimento (atividade terapêutica, a qual se realiza através de uma relação dual entre cliente e benzedor) que (re) existe na cidade de Amaturá mesmo com o avançar da tecnologia e de todos os preconceitos que existentes sobre essas atividades na sociedade contemporânea. A pesquisa teve seu desenvolvimento a partir do aporte das abordagens qualitativas com a utilização da técnica da entrevista semiestruturada e observação participante. Por meio da aproximação e convivência com os interlocutores tende a descrever e analisar as atividades desenvolvidas pelos benzedores em um município que fica localizado no interior da Amazônia. Com a pesquisa ficou evidenciado que as práticas tradicionais dos benzedores (homens e mulheres que realizam as práticas de benzeduras) são legitimadas pelas relações de fé e confiança que existem em torno de tais saberes, que podem ter suas origens a partir de experiências mágico-religiosas ou mediante à passagem da missão da benzedura por meio da oralidade. De maneira geral, a pesquisa mostra que os detentores dos saberes tradicionais de benzimento possuem uma variedade gigantesca de conhecimentos sobre as ervas, os modos de benzer e as formas de intervir nas enfermidades que rondam tanto o mundo físico quanto o espiritual, trazendo alívio a todos que necessitam da benzeção, essencial para a vida da população local.

Palavras-chave: Benzimento; Benzedores; Saberes Tradicionais em Saúde.

ABSTRACT

This article is the result of the research developed at the master's level. The study assumed the purpose of knowing the act of blessing that (re) exists in the city of Amaturá (municipality of the state of Amazonas) even with the advancement of technology and all the prejudices that are around these activities in our contemporary society. The research that will be discussed here had its development from the contribution of qualitative approaches to the use of the semi-structured interview technique. Through the approximation and coexistence with the interlocutors, it analyzes the practices of blessing that are developed by the benzedores in a municipality located in the interior of the Amazon. It became evident that the traditional practices of blessings in the municipality of



Esta obra está licenciada sob uma licença Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International License.

Amaturá is legitimized by the relations of faith and trust that exist around such knowledge, which can have their origins from magical experiences-religious or through the passage of the mission of blessing through orality. In general, the research shows that the holders of the traditional knowledge of blessing, possess a gigantic variety of knowledge about herbs, the ways of blessing and the ways of intervening in diseases that surround both the physical and the spiritual world, bringing relief to all who need the blessing, which is essential in the life of the local population.

Keyword: Blessings; Blessings; Traditional Knowledge in Health.

INTRODUÇÃO

A busca pela saúde do corpo e da alma sempre fez parte da vida do ser humano desde os primórdios até a contemporaneidade. Ao longo desse caminhar, muitas maneiras de se enxergar o mundo e o modo de interpretá-lo foi revisto e reconduzido, conforme o transcorrer da humanidade e da ciência. Ao curso que os anos foram passando, e com o avançar da medicina ocidental, essas práticas tradicionais de saúde foram perdendo espaço no âmbito da saúde pública institucionalizada – especialmente nos centros urbanos –, na tentativa de desconstruir tais saberes e torná-los como algo ultrapassado.

Na região Amazônica, de gigantesca dimensão geográfica, os detentores dos saberes e práticas tradicionais de cura e benzimento são grandes aliados para a promoção, prevenção e recuperação da saúde, chegando a ser, em muitas localidades, o único recurso humano para o combate das mazelas que possam a vir atingir corpo e espírito de seus habitantes, como o percebido no município de Amaturá, que passou a ter atendimentos da medicina erudita apenas a partir de meados da década de 70.

E é neste cenário, na Amazônia, que se passa a realização da pesquisa, que foi vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA), da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), que teve como foco o estudo sobre as práticas tradicionais de benzimento a partir dos saberes tradicionais em saúde, realizados no município de Amaturá, interior do estado do Amazonas.

O referido estudo se configura como pesquisa de campo, que foi realizada entre os períodos de agosto de 2020 a janeiro de 2022 e prosseguiu a partir da abordagem qualitativa. Os dados foram coletados a partir da realização da observação participante e de entrevistas semiestruturadas, aplicadas a seis benzedores (três homens e três mulheres), que, por décadas, realizam as atividades de benzimento no município.

O LOCAL DA PESQUISA

O Estado do Amazonas possui uma cultura bastante particular e distinta das outras regiões do Brasil. Ele possui 62 municípios, incluindo a capital Manaus, e está dividido em nove mesorregiões: Madeira, Juruá, Alto Rio Negro, Rio Negro/Solimões, Médio Amazonas, Jutaí-Solimões-Juruá, Purus, e Alto Solimões (lugar em que se localiza o município da pesquisa).

Amaturá é uma cidade que está localizada à margem direita do rio Amazonas e faz parte da mesorregião do Alto Solimões, juntamente com os municípios de Jutaí, Fonte Boa, Tonantins, Santo Antônio do Içá, São Paulo de Olivença, Benjamim Constant, Atalaia do Norte e Tabatinga, no estado do Amazonas. Os principais setores que movimentam a sua economia são a agricultura, a agropecuária, a indústria, os comércios, e, principalmente, o setor público.

Com uma população de 10.819 habitantes e com densidade demográfica de 2,28 habitantes por km² (IBGE, 2022), o município possui uma área territorial de 4.754,109 km² e situa-se em uma distância de 1.205 quilômetros da cidade de Manaus em linha fluvial, a qual é a única maneira para que se chegue no local, o qual são necessários seis dias para que o trajeto Manaus/Amaturá seja percorrido de barco, ou 30 horas de lancha (meio mais rápido e mais caro de transporte local).

Sua zona urbana é composta por cinco bairros: Bairro de Cima, Bairro de Baixo, Santa Etelvina, São Francisco e Boa Esperança. Por ser um município de pequena área urbana e de fácil deslocamento durante a pesquisa, o estudo abrangeu toda a cidade de Amaturá, por não haver empecilhos para o deslocamento ou dificuldade de acesso do pesquisador pelos bairros que cada benzedor reside.

Na região de Amaturá, há a presença de nove comunidades indígenas, sendo elas pertencentes às etnias Ticuna, Kambeba, Kocama e Witoto. Na área urbana do município, percebe-se que a população é homogênea, com forte presença de traços da miscigenação entre a população branca, descendentes de nordestinos e indígenas das etnias Ticunas e Cambebas principalmente – pertencentes aos primeiros habitantes originários da região. E foi nesse contexto de relações intercultural que se situou o local da pesquisa.

OS BENZEDORES DE AMATURÁ

Antes de falarmos das benzeduras e como se dá o benzimento em Amaturá, se faz necessário conhecer os seus praticantes. Os benzedores Milton, Francisco. B., e Francisco F., e as benzedoras Zenaide, Raimunda e Maria – escolhidos e convidados a fazer parte da pesquisa – são pessoas idosas, com idade que variam entre 65 e 93 anos, e que possuem entre 33 e 67 anos de desempenho das atividades de benzeduras.

Todos os interlocutores da pesquisa eram aposentados, entretanto, apenas Milton, de 80 anos, foi funcionário público durante sua vida.

Os demais são aposentados como agricultores, mas que, apesar da aposentadoria, continuam no desempenho da atividade da agricultura (Raimunda, Maria, Francisco B. e Francisco F.).

Vindos de famílias humildes, os participantes da pesquisa são naturais do município de Amaturá, com exceção de Milton, natural de São Paulo de Olivença/AM e Francisco B., nascido na cidade de Fonte Boa de Fonte Boa/AM. E, no que diz respeito a filhos, possuem entre cinco e nove filhos. Quanto ao estado civil, dois são casados (Zenaide e Milton), dois são viúvos (Maria, Francisco B. e Raimunda) e um é divorciado (Francisco F.).

Quanto aos respectivos graus de escolaridade dos benzedores, há variação entre os interlocutores. Dois deles são analfabetos, dois possuem o 1º ano do ensino fundamental e dois o 2º ano do fundamental. Quanto à cor/raça, dois se autodeclaravam negros, dois como indígenas e dois como pardos. Quanto ao seguimento religioso, três eram católicos, dois evangélicos da Igreja Assembleia de Deus e um da Ordem da Cruzada Apostólica Evangélica.

O INICIAR DA MISSÃO ENQUANTO DOM E PRÁTICA APRENDIDA

Os benzedores, no ensejo de proporcionar o bem-estar para a população, buscam contribuir de alguma forma – mesmo que de maneira singela –, com a comunidade a qual estão inseridos. São pessoas portadoras de um poder especial, que podem controlar as forças desencadeadoras de desequilíbrios e, a partir da benzeção, buscam assegurar o desempenho da regularidade que se objetiva, interrompendo aquela anormalidade que ameaça o bem-estar físico (Moura, 2009).

Com empenho e dedicação, doam-se em cada atendimento, haja vista que realizar das atividades de benzedura – para eles, foi um presente ofertado por Deus – é, também, uma forma para a realização do repasse de seu amor, de sua caridade e do seu respeito aos seus filhos. As análises a seu respeito vieram a ser melhor aprofundadas na contemporaneidade, período em que a ciência pôde obter mais informações e fornecer explicações para os distintos fatos observáveis e não observáveis (Quintana, 1999)

Muitas de suas rezas fazem referências a Jesus Cristo, Nossa Senhora e aos demais santos católicos. Em alguns casos, o uso de tais recursos aparece como estratégia de preservação dos cultos não cristãos por meio da inserção de elementos cristãos, como é o caso das religiões de matriz africana que, durante o benzimento, podem ser notados em pesquisas de demais regiões do Brasil (Cavalcante, 2006; Santos, 2007, Gomes; Pereira, 2002, Loyola, 1984, Oliveira, 1983, Santos, 2008 etc.).

É bem natural que, inicialmente, possamos realizar o exercício de nos perguntarmos sobre como se desenvolve as gêneses das práticas de benzimento de um benzedor, devido à benzedura ser algo que provoca a nossa imaginação enquanto seres humanos. O saber/fazer benzer, em

muitos casos, surge como um dom – discutido com base em Mauss (2003) e Bourdieu (1996) – e que, de uma maneira geral, seus agentes atribuem sua origem a Deus, às experiências xamânicas – aqui observada a partir de Langdon (1996) – ou ao contato com divindades.

Aportado, também, a partir de pesquisas que versem sobre o tema (Galvão, 1976; Cavalcante, 2008; Oliveira, 1983), o dom é uma habilidade sobre-humana que raras pessoas levam consigo desde o ventre materno – por esse motivo que se usa a expressão dom de nascença – para ser pajé, xamã, benzedor, rezador, puxador ou parteira etc.

O dom é algo reconhecido socialmente e apresenta seus indícios. Quem o possui geralmente se enxerga deslocado, fora do eixo, como se a sua vida não fosse compreendida. Tais pensamentos e deslocamentos do benzedor, aos poucos, passam por um processo de mudança, conforme o seu “sim” à missão e a partir da compreensão da missão que lhes foi proposta. Ninguém consegue escapar desse dom, pois ele é entregue pelas divindades, santos, entidades, e deve ser executado por quem o recebe em prol do bem de toda a sociedade, com a missão de usá-lo no favorecimento dos seus semelhantes (Cavalcante, 2008).

E esse sim ao dom, oferecido ao benzedor, e ajustado a partir da lógica da economia simbólica, apesar de parecer algo totalmente escolhido pelo agente, em muitos casos, não é uma resposta generosa ou escolha feita de forma livre, mas sim é apresentado ao indivíduo como a única possibilidade a ser feita (Bourdieu, 1996). Tal percepção pode ser notada a partir da resposta dada pela senhora Maria, no que diz respeito ao seu “sim” para as benzeções:

Foi um dom que Deus me deu. Do nada eu começava a rezar e eu sentia a sensação que eu tinha que fazer algo. Sempre eu falo pra quem vem aqui que eu benzo, mas quem cura é Deus. Se tu estava doente ou tinha algo eu tinha que cuidar de ti e fazer um remédio. Eu não sei muito bem explicar isso, só sei que eu sempre tive a sensação que eu nasci pra isso, que era a minha missão ajudar o próximo. Ele me veio como um sonho, como um dom, que surgiu depois que eu tive problemas de saúde onde eu fiquei mal e não sabia mais o que fazer pra melhorar. Deus me deu a saúde, então não tinha como eu não ajudar as pessoas também (Entrevista, realizada em 2021).

Em um movimento que se assemelha ao encontrado na pesquisa de Mauss (2003) na Polinésia sobre o sistema de prestações totais, onde quem recebe tem a obrigação de doar e também receber, podemos pensar que Maria se viu na obrigação de aceitar a missão que teria pela frente, uma vez o seu aceite poderia resultar em uma manutenção e renovação de seu estado de saúde com o sagrado, com o dom.

No objetivo de compreender o início de suas práticas de benzeção, nos encontramos com grandes dúvidas e inquietações sobre as origens de suas benzeduras, que não se atribui a alguma forma de aprendizagem formal

ou informal, contrapondo-se, por um lado, ao conhecimento erudito, o qual responde a uma aprendizagem formal, e, por outra maneira, difere também daqueles terapeutas populares cujo conhecimento se atribui ao seu intuito ou a uma aprendizagem informal com algum outro benzedor.

Maria informa que estava muito mal, que não se sentia disposta para nenhuma atividade interna ou externa a sua casa, mas após o contato com um anjo – que lhe passou as informações sobre os ingredientes e a maneira de se preparar o medicamento para sua enfermidade –, conseguiu o reestabelecimento da sua saúde e passou a possuir o dom.

Desde o episódio, ela passou continuamente a encontrar o anjo em seus sonhos. Com seu auxílio, aprendeu a identificar as enfermidades, quais as benzeduras a serem realizadas e quais tratamentos e remédios a serem prescritos para cada caso. Normalmente, o dom está relacionado a algum acontecimento marcante na vida dos benzedores ou na vida de seus familiares, geralmente ocasionados por problemas de saúde (Oliveira, 1983).

Outro benzedor que nos informa ter o início de suas benzeduras a partir de seres divinos foi Francisco B.: “foi um anjo quem me ensinou a saber o que eu sei”. Desde seu contato sobrenatural com o anjo, iniciado a partir do seu batismo na Igreja da Cruzada, passou a ter visões sobre as doenças, benzeduras e intervenções necessárias.

Eu senti um poder sendo dado para mim na hora do batismo, lá na hora da água. O irmão José me batizou, e ele me disse que eu era o único escolhido, entre os que estavam sendo batizados, que teria o poder de tudo que eu pedisse em nome de Deus, de curar alguém e fazer o bem, eu seria atendido, e que eu poderia cuidar dos outros em nome de Deus porque eu acreditei nele (Francisco B., entrevista realizada em 2021).

Tanto Maria quanto Francisco B., anotavam tudo o que lhes era transmitido em uma folha de papel que, logo após decorados, o descartavam, a fim de resguardar e manter em sigilo os novos ensinamentos, que pelos seres mágicos lhes foram ofertados.

Quanto ao início no campo da benzedura do senhor Francisco F., ele passou a acontecer em seguida ao seu contato com uma mulher encantada, também por meio de sonhos, durante um episódio de enfermidade, ocorrido com sua ex-companheira, que persistia, apesar de diversas idas e vindas ao Sistema Especial de Saúde Pública (SESP) do município, onde nada era resolvido.

O início disso tudo foi quando passou um mês, dois meses e a minha ex-mulher disse que a menstruação dela não tinha vindo e que ela achava que estava gestante. Passou mais um mês e nada da menstruação. Então aí veio uma mulher encantada no meu sonho e disse que eu tinha que fazer um remédio e que não precisava mais levar a minha esposa no médico porque eu ia fazer um remédio e ia fazer

ela sobreviver. Ela me ensinou o remédio, e aí eu fiz. Desde então ela ficou boa e nunca mais teve aquelas dores fortes na barriga. Com uma semana que ela estava tomando o medicamento ela ficou boa. E até hoje ela está aí (Francisco F., entrevista realizada em 2021).

Assim como podemos associar o início da benzedura do senhor Francisco F. aos debatidos por Bourdieu e Mauss, também nos podemos nos permitir pensar estarmos diante de casos que possam ser atribuídos a sua iniciação com o auxílio de entidades ou às experiências xamânicas, assim como na pesquisa de Loyola (1984).

Os xamãs revelam e atuam com as energias que existem por trás dos eventos cotidianos, interagem com estas, por meio de experiências místicas, através de sonhos, ou dos tranSES induzidos por substâncias ou por outras técnicas, servindo como intermediário entre os domínios, humano e espiritual (Langdon, 2010).

“Ninguém acredita, mas se eu olho uma planta e na hora me vem uma coisa que me diz que ela é boa para algo. Vem uma coisa na minha mente e no meu ouvido me dizendo que aquilo é bom e aí eu vou lá, pego e trago, pois sei que servirá” (Maria, entrevista realizada em 2021). Na aprendizagem pela experiência mística ou xamânicas, os conhecimentos sobre os chás, as ervas, as pomadas, os unguentos etc., são atribuídos à informação de alguma entidade sobrenatural, denominadas de encantados, que são seres invisíveis que podem surgir – e transitar entre os mundos – durante os rituais do xamã, figura central em sessões de cura por meio da pajelança (Maués, 1994).

Desde a experiência inicial da senhora Maria, a qual ela atribui ao divino e ao místico, diversas formas de benzer foram sendo incorporadas em suas vivências e práticas, possibilitando a ela, assim como ao senhor Francisco B., acessar o sobrenatural e o controlá-lo, ainda que de forma mínima, a partir das forças mágico-sagradas.

Em casos semelhantes a esses, o dom parece consistir principalmente, mas não necessariamente, a única de uma comunicação privilegiada com o sobrenatural, a qual torna-se fonte de sua força e seu multiplicador de conhecimentos. Entretanto, isso acarreta cobranças tanto para o benzedor quanto para o sobrenatural. Para o benzedor, uma vez que ao aceitar assumir o exercício da prática, fica o mesmo obrigado a prestar auxílio a todos que necessitem. E quanto à entidade, responsável por outorgar o dom, fica por sua vez obrigada a ajudá-lo no desempenho de suas atividades (Quintana, 1999).

Após a realização das primeiras curas, os benzedores passam a ganhar fama no município de Amaturá, provocando o estímulo que novas pessoas, que não faziam uso de suas atividades, passem a buscá-las ou conhecê-las. Desde então, esse ser, místico, passa a ser como uma espécie de guia espiritual de dona Maria e do Senhor Francisco e, a cada doença, a cada novo indivíduo que chegue em suas portas, os benzedores, com sua

experiência – e com o auxílio sobrenatural – diagnosticam a enfermidade e a combatem, seja com seus benzimentos, seja com formulações dos remédios necessários para a recuperação da saúde do paciente.

Entretanto, para que haja o reconhecimento social do benzedor e de suas práticas, não basta apenas que uma parte da sociedade o reconheça como tal e saiba do seu dom. É preciso também que a comunidade onde ele vive também o veja como alguém especial, pois “necessita-se que a história e o social encontrem os interlocutores que reconheçam o sinal que marca o seu protagonista como alguém especial, aquele escolhido para realizar a intermediação com o sagrado” (Quintana, 1999, p. 83).

O dom da benção, conforme percebido no decorrer da pesquisa, é algo divino e uma espécie de contrato social e que deve ser levado por cada um até os últimos dias de suas vidas. Entre os benzedores se percebe que, por possuírem um nível de interação com o sagrado, devem exercer a sua missão de maneira semelhante à desenvolvida por Jesus ou demais benfeitores que realizaram as suas obras ao longo da história, sem nenhum tipo de cobrança. É a partir dessa lógica que cada um(a) desempenha suas atividades, com foco principal na solidariedade e respeito ao próximo.

Em Amaturá, também encontramos os benzedores que realizam as suas atividades a partir da transmissão dos saberes de benzeduras repassados por alguém próximo ou familiar, ou seja, a partir da prática aprendida. Esse processo não é de fácil aprendizado, por isso, para que esses saberes sejam transmitidos, necessita-se de um período mínimo de tempo, para que, posteriormente, os novos aprendizes prossigam suas atividades de benzedura.

A aprendizagem em questão, das atividades de benzedura, não está limitada apenas aos que desenvolvem suas práticas a partir de outrem. Esse processo de aprender a benzer é algo necessário para todos, pois é sabido que o benzimento é um dom especial, mas, assim como qualquer prática, é preciso desenvolvê-la com um praticante já experimentado em seu meio (Galvão, 1976).

No caso dos benzedores que tiveram seu aprendizado a partir do ensinamento de um praticante, esse processo aconteceu de forma natural, sem que houvesse uma imposição por parte de familiares. Se deu como um chamado. Entretanto, em cada caso, o iniciar das práticas se deu a partir de acontecimentos pessoais que estimularam o início de tal processo.

Eu aprendi a benzer com meu pai. Aos poucos eu fui aprendendo. Ele me ensinava as orações dele e eu sabia. Eu tinha aquelas orações comigo, mas eu não rezava. Meu pai sabia benzer para tudo, e me ensinou aos poucos, conforme eu fui crescendo. Aí quando eu fui pro Bahia com meu esposo, que era quando nós morava sozinhos, e meus filhos adoeciam, aí eu pensava comigo mesma: ‘eu vou benzer, pro meu filho melhorar. Porque se eu não rezar ele vai morrer’. E aí eu começava a rezar neles para eles ficarem bom (Zenaide, entrevista realizada em 2021).

Ver seu filho doente, aos 6 anos de idade e, pela primeira vez, morando em um local distante do seu pai (que era a pessoa que benzia nos filhos quando adoeciam), obrigou a benzedeira a dar início as suas atividades. Além de benzer seu filho durante três dias, a senhora Zenaide, com seu conhecimento adquirido por anos vendo o exercício das atividades de seu pai, também teve que selecionar e extrair os melhores dos insumos da mata para o preparo da medicação.

Passados os dias necessários para o encerramento do tratamento, obteve êxito nos cuidados em saúde com seu filho, o que, desde então, lhe permitiu ficar conhecida como benzedeira. “Depois viram que eu cuidei do meu filho, sempre que os filhos dos meus vizinhos adoeciam lá eles vinham me chamar para cuidar deles. Só eu que sabia benzer ali” (Zenaide, entrevista realizada em 2021). Normalmente, o conhecimento particular e especializado de um benzedor é transmitido através de familiares próximos que tinham e/ou têm domínio sobre o saber e as práticas de benzeduras (Santos, 2009).

Outro benzedor que teve sua inicialização dada através de um familiar foi o senhor Milton. Assim como no caso da benzedeira Zenaide, e em pesquisas semelhantes realizadas na mesma microrregião de Amaturá (como acontecido na pesquisa de Penaforte (2021)), ele teve seu aprendizado a partir dos saberes de seu pai. Percebe-se que a origem das práticas em algumas pessoas se dá através das gerações precedentes. Na família do senhor Milton, a prática da benzedura era algo não restrito ao pai. Além dele, outro familiar benzia: “eu tinha um tio que também benzia. Ele era bom também” (Milton, entrevista realizada em 2021).

Emocionado, ele nos fala um pouco da forma e período que iniciou as benzeções:

Eu comecei assim que eu me casei com minha mulher, lá no Jacurapá, ela com 17 anos e eu com 20, mas antes de eu casar já sabia rezar. As primeiras pessoas que eu benzi foi nos meus filhos doentes. Lá não tinha médico, então era *nós mesmos que tinha que rezar. Ou a gente fazia algo ou os filhos continuavam doentes* (Milton, entrevista realizada em 2021).

Assim como no caso de dona Zenaide, o benzedor explica que, no aparecimento de enfermidades em seu corpo, ou no de seus irmãos, enquanto crianças ou mais velhos, era o pai quem lhes prestava assistência. Além dos seus filhos, o pai de Milton também prestava assistência às demais pessoas de sua comunidade, demonstrando sempre um cuidado e sua solidariedade a com todos. “Para se ter o dom de cura não basta somente aprender a rezar, é imprescindível se ter certas habilidades, além das qualidades. Eles devem ser de boa índole, ética e moral, além de ser caridoso” (Santos, 2009, p. 25).

Já a iniciação da senhora Raimunda, que é evangélica, se deu a partir de um aprendizado quando criança, período em que viveu com

uma senhora, conhecida de seus pais. Já quando adolescente, e com os ensinamentos que lhes foram repassados por essa mulher, exercia as atividades de benzeduras. Ela nos conta:

Eu comecei a cuidar bem das pessoas com dezesseis (16) anos. Mas com treze (13), quatorze (14) anos eu já estava sabendo pegar a barriga das mulheres grávidas e a ajeitar neném. Eu aprendi com essa velhinha, que eu morei com ela. E aí ela foi me explicando e eu fui aprendendo. Ela me ensinou a ajeitar os dedos onde desmentia, trilhadura, e outras coisas. Eu fui aprendendo e até hoje eu sei (Raimunda, entrevista realizada em 2021).

Quando perguntada sobre as orações e com quem teria aprendido, ela fala: “com ninguém, elas foram de mim mesma, eu que criei elas. A mulher me ensinou a tocar, a fazer as coisas, mas a orar, não” (Raimunda, entrevista realizada em 2021).

Raimunda teve que desenvolver as próprias técnicas para suas orações. Seu aprendizado, pautado às atividades manuais – às atividades mais práticas dos cuidados –, foi desenvolvido a partir de suas observações do saber/fazer da benzedeira com quem convivia, o que não lhe fez necessariamente possuir uma interação com o sagrado, de uma súplica, por não se tratarem de enfermidades ditas como doenças espirituais, mas sim de ter o jeito certo com as mãos. “A benzedeira não cuidava de doenças espirituais. Ela só partejava mesmo e via barriga. As doenças já foi eu, por mim mesma, que fui aprendendo a cuidar e criar as orações” (Raimunda, entrevista realizada em 2021). Ela buscou fórmulas e estratégias para que desenvolvesse sua própria forma de cuidar e intervir nas demais necessidades.

Mesmo que, inicialmente, não tivesse interesse em realizar as práticas de benzimento, alguns dos benzedores, ao começar seu processo de aprendizado, se viam diante de uma missão que, se aceita, carregariam durante toda sua vida.

Com a aceitação de suas missões, os benzedores e as benzedeiros passam a desenvolvê-la todos os dias, onde quer que estivessem e a quem quer que precisasse, pois conforme seus pensamentos “faço isso com muito amor e dedicação. Se até hoje tenho forças e saúde não posso me recusar a ajudar. Também me sinto bem ajudando. Eu ajudando estou sendo ajudada” (Raimunda, entrevista realizada em 2021).

O benzimento é como um presente, uma dádiva, onde a retribuição do que se está doando é recebido no ato do seu fazer. “Benzer é receber de volta, reciprocamente. A cura, não se dá por uma das partes, mas pela troca que é estabelecida ali, o que retira a responsabilidade de saúde e cura da mão somente do benzedor, rezador, xamã, etc.” (Rodrigues, 2018, p. 102).

Por se tratar de pessoas que tiveram o início das atividades a partir de um ensinamento – diferente das demais, que possuíram sua iniciação por espíritos, anjos e divindades –, poderíamos pensar que esses benzedores

teriam menos prestígio na sociedade que aquelas que dizem ter adquirido o dom através de seres sobrenaturais e experiência mística, entretanto, em Amaturá, isso não se confirmou. Não há uma escala hierárquica entre os seus praticantes. A diferença entre eles – se é que podemos assim expressar – fica a cargo do seu tempo nas práticas, mas, de modo geral, não podemos hierarquizá-los com base em seus processos de iniciação, conforme observado nas falas dos próprios benzedores, ao comentarem sobre o intenso fluxo de pessoas que buscam seus benzimentos:

Antes de eu vir morar aqui ia muita gente lá no sítio atrás de mim pra cuidar de doentes. Ia gente tanto de lá das outras comunidades quanto daqui de Amaturá mesmo. Iam de baleeira daqui, de motor rabeta ou à remo. Não importa como, mas sempre iam lá. Às vezes eu não podia nem dormir direito à noite. Quando eu mal dava um cochilo já estavam chamando pra eu ajudar em alguma coisa ou cuidar em alguma doença (Raimunda, entrevista realizada em 2021).

Aqui em casa era todo o horário. Todo dia e toda hora que eu estava aqui em casa eu tava benzendo alguém. Eu não negava reza pra ninguém. Até de noite cegavam e eu atendia, porque a pessoa não viria na tua porta se não tivesse precisada mesmo né. (Milton, entrevista realizada em 2021).

Aqui na porta de casa, na varanda, quando dava cinco (5), seis (6) da manhã já tinha gente me aguardando. Já tinha fila de gente me aguardando acordar pra poder benzer, quando não era doença tão grave. Mas se fosse coisa séria, eles batiam aí, não importava o horário, e eu nunca dizia não pra eles. É essa a minha missão (Zenaide, entrevista realizada em 2021).

Como já comentado, percebe-se que a confiança social existente entre benzidos e benzedores independe da origem do seu aprendizado. A confiança da população sobre os benzedores é, em muitos aspectos, semelhante às crenças nos antigos pajés, pois, segundo Trindade (2011, p. 66), “os povos tradicionais da Amazônia herdaram hábitos e modos de interagir a partir da visão do índio que conseguiu manter parte de seus costumes na sociedade amazônica que ele ajudou a produzir”. Isso pode ser percebido na cidade, ao se verificar a procura inicial do rezador ou benzedor antes dos agentes da medicina erudita, quanto ao tratamento de determinadas doenças.

No estudo, pôde ser percebido que a legitimidade dos benzedores e de seus tratamentos é dado por aqueles que procuram os seus serviços. Eles acreditam que esses homens e essas mulheres sejam detentores de um saber mágico-religioso. Saber esse que, por diversas vezes, parece ser inexplicável, mas que é rodeado de eficácia e suficiente no combate das enfermidades.

AS PRÁTICAS DE BENZIMENTO EM AMATURÁ

O benzimento está presente nos mais variados espaços e nos mais variados símbolos ou templos, por isso é tão importante o seu entendimento, pois compreendê-lo, nada mais é que “penetrar na sua essência, buscar o significado da sua prática social e entender de que modo esse lado da cultura popular, tão fragmentado, hostilizado, rejeitado e marginalizado, é recriado com força e autonomia” (Oliveira, 1985, p. 70).

Em muitos lugares, os benzedores, além de benzerem humanos também benzem animais, para que se encontre objetos perdidos ou para que se tenha uma boa sorte nas pescas e boa colheita. Mas, no caso de nossos interlocutores, tais práticas não se fazem presentes e, assim, o campo de atuação é com foco nos seres humanos e em suas enfermidades.

Em Amaturá, podemos perceber a benzeção em diversos momentos. Podemos percebê-lo seja na igreja católica, no momento em que o padre solicita para a população levar seus objetos religiosos para serem benzidos (imagens de santos, velas, terços ou água); nas igrejas neopentecostais, quando o pastor pede aos fiéis que ergam suas mãos durante a oração sobre a bíblia, sobre um enfermo ou sobre quem realizará a explanação do evangelho no púlpito; ou nos momentos de benzimento, no qual o benzedor realiza sobre as plantas antes de realizar os rituais de benzedura ou no próprio benzido.

Em todos os momentos citados, existe a utilização do benzimento pelo ser humano para com divindades ou forças sobrenaturais, buscando, assim, possuir maior possibilidade de alcançar o que se almeja, sem algum tipo de inconformidade por conta de tais ações, pois são culturas populares e que não causam nenhum dano à sociedade (Tramonte, 2001).

O benzedor ou a benzedeira, com o auxílio de recursos divinos e mágico-religiosos, atuam para reestabelecer a saúde daqueles encontram-se em momento de desarmonia física. Suas benzeduras, compiladas cuidadosamente, diferem em muito do generalismo com que eram tratadas as feitiçarias (Tramonte, 2001). Tais agentes se comportam como intermediários e alicerces da crença popular, uma vez que são firmados como pessoas com amparos sobre-humanos. E é a partir desse amparo que criam e reorganizam os seus mecanismos e suas formas de manuseio da medicina popular, a fim de levar a cura para seus clientes.

Durante as práticas de benzimento, percebeu-se que corpo e espírito não são separados durante os rituais. A partir das observações, nota-se que seres humanos e as forças sagradas possuem uma relação estreita no combate às doenças, o que é percebido em demais pesquisas, uma vez que cada enfermidade necessita de uma jaculatória própria, em que o sagrado atua no combate dos males que atingem corpo e espírito.

Entre os benzedores podemos perceber a religiosidade desde o seu chamado para a missão. Chamado esse realizado por Deus para o ofício da

benzedura. É sua missão, e deve ser realizada até completar sua passagem terrena, conforme nos informa a senhora Maria:

Eu acho que foi um dom que Deus me deu, porque do nada eu começava a rezar e eu sentia a sensação que eu tinha que fazer algo. É um chamado, só pode. Não sou eu que faço as coisas. É Deus e os santos a que sou devoto. Quando vou cuidar de alguém eu digo que não é a minha mão que está ali, mas sim a de Deus. Eu sou apenas um instrumento de Jesus. É assim que eu faço, eu peço pra Ele, e quando menos penso a pessoa já está bem. Tudo que eu faço é em nome de Deus (Maria, entrevista realizada em 2021).

Também podemos perceber tal pensamento nas falas de outro entrevistado:

Eu sempre pedia pra Deus pra de alguma forma eu pudesse ajudar as pessoas que precisassem, assim como me ajudavam sempre. E eu só peço a Deus pra continuar me ajudando e dando saúde, pois essa é uma missão que a gente ajuda a todos sem nada em troca, com a graça de Deus. Eu aprendi essas coisas com o poder de Deus. Foi Ele que pediu pra eu fazer essa obra e cuidar das pessoas. Foi um chamado que eu tive (Francisco B., entrevista realizada em 2021).

É a união dos saberes da medicina popular, das ervas e do sagrado que tornam a doença curável, a partir da intervenção dos benzedores. As rezas, os chás e os movimentos corporais possuem um sentido, e, assim, tornam-se eficazes, se estiverem inseridos dentro das práticas do ritual do benzimento, pois, fora dele, perde seu poder, perdem sua significância, não podendo operar mudanças no estado do paciente (Quintana, 1999).

O ofício da benzedura e do ser benzedor, exige diversas responsabilidades e obrigações de quem o exerce, mesmo assim, para eles, é uma dádiva de Deus, e, como toda dádiva, é uma missão que deve ser desempenhada pelo máximo de tempo possível. A não cobrança de valores em troca das benzeções, a disponibilidade de atendimento – independente do horário – e a não recusa no cuidado podem ser citados como algumas dessas obrigações.

Tem gente que chega aqui e pergunta: dona Zenaide, a senhora reza agora? E eu sempre digo: pra Deus e para ajudar a quem precisa não tem hora, a qualquer hora eu estou aqui pronta para servir a todos. A hora que a pessoa chegar atrás de mim eu atendo. Eu sou muito feliz por fazer esse trabalho. O meu trabalho eu faço com muito amor. Eu faço aquilo conforme eu posso, ajudando com fé em Deus para que aquela pessoa melhore e fique boa, pedindo sempre de Nossa Senhora da Saúde, de São Cristóvão, de Nossa Senhora do Carmo (Zenaide, entrevista realizada em 2021).

O dom da benzedura não coloca o benzedor em posição de superioridade ou inferioridade sobre o benzido, mas lhe impõe uma sagrada

missão que deve ser desempenhada com todo o empenho, gratuidade e dedicação: a de sempre praticar a benzeção a quem dela necessite.

Os benzimentos são realizados sem que haja alguma espécie de cobrança. Segundo nossos interlocutores, é indevida a cobrança de benzimentos. “Cobrar para ajudar o outro quando doente? É pecado! Isso é algo que a gente deve fazer com muita alegria e sem nada em troca porque isso não é trabalho, é missão” (Milton, entrevista realizada em 2021). A gratificação do benzedor é a possibilidade de continuar a realizar essa prática. A sua realização proporciona felicidade ao benzedor, mesmo sem nenhum tipo de remuneração. A gratidão em ajudar o próximo é sempre percebida entre eles, podendo inclusive ser comparada à felicidade de um pai em ajudar um filho.

Benzer e curar as doenças pra mim é o mesmo que uma pessoa pedir ao pai dois reais pra comprar pão. O pai, se tiver o dinheiro, nunca vai negar aqueles dois reais pra matar a fome do filho. Ele vai e dá na hora o dinheiro para o seu filho, com muita alegria, por saber que ele está podendo acabar com aquela angústia do filho. E assim sou eu, eu fico muito feliz em poder ajudar as angústias dos outros, com o poder do papai do céu (Francisco B., entrevista realizada em 2021).

O benzimento, por fazer parte da religiosidade popular, em que as pessoas são tratadas a partir da palavra (oração) do benzedor, pode, inicialmente, soar como práticas utilizadas apenas por pessoas que estejam às margens da sociedade, de classes subalternas e com baixo grau de escolaridade ou com falta de acesso aos serviços de saúde. Entretanto, tal pensamento foi desconstruído desde o início da pesquisa e a partir de informações obtidas por pessoas das mais variadas classes sociais ou escolaridades. O discurso de um dos nossos interlocutores sobre o público que lhe procura reforça tal ideia:

Eu rezo e benzo em todo mundo. Muita gente vem me procurar. Eu sempre rezava nos vereadores, professores, nos comerciantes, no prefeito. Eles mandavam me chamar ou então iam lá comigo na prefeitura, que era onde eu trabalhava como viga. Eles também me levavam os filhos pra rezar. Inclusive lá dentro da igreja eu fui rezar muitas vezes. Eu rezei no prefeito lá. No Luiz Pereira eu rezei na igreja. Cansei de ir lá dentro rezar nele (Milton, entrevista realizada em 2021).

Percebe-se que o público atendido durante as práticas de benzimentos não fica restrito a apenas um grupo ou classe social. O cliente, ainda que venha a pertencer a um grupo social mais elevado que o benzedor, durante esses processos, encontra-se em uma posição de dependência a ele (Quintana, 1999). Na cidade, foi notório que o benzimento auxilia a todos que necessitem, incluindo nesse grupo líderes religiosos, como

padres e missionários, profissionais da saúde institucionalizada, como médicos, enfermeiros e técnicos em enfermagem, o que não nos traz tanta surpresa, uma vez que a crença no divino não é exclusividade das classes populares da sociedade, o que também foi percebido em outras pesquisas (Trindade, 2011; Quintana, 1999; Penaforte, 2021).

Algo bastante importante para as práticas de benzimento são os espaços destinados para a realização das atividades. Entre os locais reservados para as práticas do benzimento, estão suas varandas (como acontece as interlocutoras Maria, Zenaide e o senhor Francisco F.), a sala de suas casas (lugar escolhido por Francisco B. e Milton) e o quarto (no caso da interlocutora Raimunda).

Quando realizadas na varanda, a primeira impressão que temos é que não há elementos religiosos presentes, visto ser um espaço aberto e externo à casa. Entretanto, aos poucos, se pode perceber pequenos folhetos com imagens de santos nas mãos dos benzidos, pequenos terços e gestos em formas de cruz com as ramas e a súplica aos santos a quais são devotos.

Sobre a varanda como local escolhido, a senhora Zenaide nos dá a seguinte explicação: “eu só benzo na frente de casa, pra poder a doença, que eu tiro da pessoa não venha tentar me atacar ou ficar na minha casa, pois depois que ela sai da pessoa, pode passar pra gente, para o nosso lar e filhos” (entrevista realizada em 2021).

No caso de dona Raimunda, o lugar escolhido é o quarto de sua casa. É ali, sobre uma mesa, que guarda sua bíblia e alguns folhetos religiosos, para ela, é o lugar em que encontra mais concentração. “Eu costume orar e cuidar da pessoa mais lá dentro, por isso ser uma coisa íntima de cada pessoa que está necessitada, e por mim também, que sou evangélica, e gosto de orar num lugar mais tranquilo” (Entrevista realizada em 2021). Em questão de poucos segundos, o espaço de descanso torna-se também o seu lugar de maior facilidade de conexão com o sagrado. “A consagração transforma quartos, salas e quintais em altares onde os rituais são realizados” (Gomes; Pereira, 2002, p. 15).

Percebe-se ainda que a benzedeira Raimunda realiza seus atendimentos parecidos ao que acontecem nas unidades de saúde, lugar onde há uma seleção para o atendimento, que varia conforme a ordem de chegada ou da urgência de cada paciente. “Se vem dois ou três pessoas na mesma hora, eu atendo o que chegou primeiro ou aquela que tá mais necessitada. Eu chamo um por vez e peço pra entrar lá no quarto, onde eu costume orar nas pessoas” (Raimunda, entrevista realizada em 2021).

Segundo ela, uma pessoa com uma dismintidura, mediante a dor que ele está sentindo, tem prioridade de atendimento em relação a quem está retornando para uma benzedura já iniciada anteriormente. Isso é uma demonstração clara de sensibilidade com os benzidos e com a manutenção da organização no espaço de benzimento.

Mas os locais utilizados para as práticas de benzeção não se restringem às moradias dos benzedores e dos seus benzidos. As práticas também

podem ser estendidas para seus locais de trabalho e templos religiosos, como é o caso do senhor Milton que, além da realização na área externa da prefeitura de Amaturá (local onde trabalhava como vigilante), também se dirigia para a igreja. Conforme a solicitação dos benzidos, se deslocava para que ali os benzesse. Independentemente do local, não havia a recusa de atendimentos por sua parte, muito menos incômodo em se deslocar.

Podemos perceber, de forma clara, os símbolos existentes durante as benzeduras ou no seu preparo. Eles podem ser números, utensílios domésticos, objetos religiosos etc. Um exemplo muito presente de símbolos numéricos é o número três, ou o múltiplo de três, que é a quantidade de vezes que se pode benzer alguém. Em relação a essa benzedura específica, que pode ser estendida em até nove vezes, como realizado pela benzeadeira Zenaide, o número refere-se à quantidade de terços que possuem um novenário, em especial o da santa (Nossa Senhora da Saúde), para a qual pede proteção antes das suas benzeduras.

Mesmo que a representação da Santíssima Trindade não tenha sido vista em todos os benzedores de Amaturá (como no caso de dona Raimunda e do senhor Francisco F.; ambos evangélicos), o número três sempre estava presente. Essa relevância ao número três ou ao seu múltiplo, também pode ser percebida na pesquisa de Penaforte (2021) sobre as rezadeiras de São Paulo de Olivença, que, em ocasiões, era usado para o número de benzeduras a serem realizadas, para o número de sopros que eram dados durante determinadas benzeções, para o número de determinados ingredientes em receitas. A pesquisadora em questão também elucida que:

O número três representa um simbolismo inegável na vida das rezadeiras, em suas rezas, pedem para que seus benzidos as procurem três vezes para completar a reza e fiquem livres de suas doenças, tem que se completar as três rezas, mesmo se sentindo bem, senão a doença pode retornar com mais força, debilitando ainda mais o benzido (Penaforte, 2021, p. 72).

Outro símbolo muito presente nas benzeções é a cruz, que tem presença marcante nessa terapêutica. Ela é uma espécie de apropriação da cruz cristã. O referido sinal, onde os traços se encontram, pode ser marcador de indicativos. Ela pode, ao mesmo tempo, “marcar centralidade e marginalidade, composição e dissociação, e o elemento mais significativo que se pode extrair desse exemplo de cruzar é sua relação com uma medida ou equilíbrio” (Quintana, 1999, p. 181).

Para a composição da prática de benzedura e do processo de reestabelecimento da saúde do benzido, os benzedores podem contar com vários objetos e recursos para compor o ritual. Entre essa variedade de elementos utilizados no processo de benzedura estão inseridos os provenientes dos recursos naturais. Eles são os mais variados possíveis e possuem o objetivo de auxiliar no combate às doenças e, juntamente com as rezas e benzimentos, recuperar e reestabelecer a saúde do enfermo.

Vão desde plantas e ervas que são facilmente encontradas – utilizadas para doenças mais simples – até recursos naturais com maior grau de complexidade para o seu acesso – utilizados em enfermidades de maior complexidade de tratamento.

As espécies de plantas mais presentes durante as benzeções são àquelas que servem para banhos, cólicas, dor de estômago, defumação do corpo e retirada de mau-olhado ou quebranto. Entre tais recursos, estão as folhas de pinhão roxo (*Ageratum Conyzoides*), arruda (*Ruta Graveolens*), vassourinha (*Scoparia dulcis* L), alho brabo (*Allium neapolitanum*), boldo (*Peumus Boldus*), favação (*Ocimum basilicum*), cravo (*Caryophyllus Aromaticus*), hortelã (*Mentha Rotundifolia*), mastruz (*Chenopodium ambrosioides*) e mucuracaá (*Petiveria alliacea*).

E entre os menos utilizados, e de maior grau logístico sua localização, estão os caules de árvores, dentre os quais encontra-se os da carapanaúba (*Aspidosperma spp*), cedro (*Cedrela Odorata* L.), jatobá (*Hymenaea Courbaril* L.) e jequitibá (*Cariniana Legalis*), utilizados contra inflamações nos brônquios, laringes, intensas dores de cabeça, ferimentos, pedra nos rins, hemorragias e acidentes vasculares cerebrais. Tudo isso faz parte desse vasto conhecimento que, por décadas de atividades, foi sendo acumulado e transmitido, por meio do conhecimento popular e das espécies que podem ser encontradas na região.

As plantas, os frutos, os caules ou as raízes estão muito presentes nas práticas. Desde as ramas mais delicadas aos caules de maior complexidade de extração e preparos, fazem parte do arcabouço de saberes por parte dos benzedores no processo das benzeduras. As plantas têm o poder de fortalecer e revitalizar a saúde. Elas possuem o papel de exaurir as más energias recebidas do benzido, por isso “depois de benzer com a rama eu a jogo lá no sol, porque a energia ruim foi passou pra ela, e ela, assim que se joga no sol, murcha, por ter tido contato com o mal” (Zenaide, entrevista realizada em 2021).

Tais ações nos permitem pensar que tais processos de cura, mediante as propriedades da natureza, podem ser lidos como estratégia de o indivíduo reestabelecer a sua conexão com o meio ambiente, e consigo mesmo, a fim de conectar suas energias às da natureza que, em grande parte, são cultivadas por eles mesmos nos jardins ou quintais de suas residências a fim de facilitar a sua extração e garantir o seu estoque.

O uso do banho, à base de ervas, é uma das principais práticas terapêuticas. Sejam em crianças ou adultos, ele é comumente recomendado pelos benzedores e, até mesmo pelo meio popular, através de ensinamentos transferidos de pai para filho, avós para netos. Entre esses banhos, há os considerados especiais, os indicados quando o mau-olhado e quebrante está forte. Nesses casos, outros métodos passam a ser utilizados, variando desde a forma em que as folhas das ervas são divididas – cortadas de forma que reproduzam uma cruz – até a soma de outros materiais, como dentes de alho, pimenta do reino, gengibre etc.

O banho serve pra dor de cabeça, pra purificar o corpo e sair toda coisa negativa. O espírito ruim ou as energias negativas não escolhem quem atingir, elas simplesmente são despejadas por alguém ou por alguma coisa na pessoa, seja ela criança ou adulto. O mal não escolhe em quem atingir ou não e as vezes vem forte, e a gente tem que mudar a forma de fazer o banho pra poder dar certo e a gente conseguir curar (Francisco F., entrevista realizada em 2021).

Acredita-se que essa prática de realizar as atividades de benzimento com o auxílio de ervas, plantas ou demais elementos nasceu com o xamanismo (conceito o qual sabemos que, apesar de muito discutido, não há uma definição homogênea) desde as primeiras populações indígenas aqui no Brasil. Utilizados durante os rituais de purificação e cura, a manipulação desses elementos ou símbolos tem o objetivo de acionar o real, a partir da crença de que tudo no universo está interligado e faz parte dele.

Pudemos perceber, nas práticas de cura, a existência de adaptações das rezas que eram reproduzidas, com base no universo religioso e, ainda, com recursos naturais que remetem à cultura local, como o uso da massa feita através da mandioca ralada, usada por dona Zenaide para curar o vermelho:

Um dia desses apareceu uma menina que mora ali pra trás. Ela é até casada com um peruano. Ela pegou vermelho aqui na perna dela, na parte da coxa, e veio aqui comigo. Ela estava bem ruim quando veio aqui. Ela veio aqui e disse: “Ah, vovó, eu vim aqui pra senhora rezar em mim. Eu fui visitar meu pais *lá na comunidade do Bahia e eles me disseram que a senhora rezava, e eu vim aqui com a senhora pra ver minha perna*”. Ela tava com uma ezipla enorme na perna dela, que chega ela não podia nem andar. Eu rezei. Falei que ia rezar sim, e que se ela tivesse fé em Deus e se achasse que eu poderia ajudar, ela ia ficar boa. Aí eu rezei nela. Estava uma feridona. Quando chegar em casa eu disse pra ela colocar macaxeira ralada que ajuda a melhorar. Tem que colocar em cima pra esfriar, que estava muito quente e inflamada. Aí ela foi embora e fez isso. Aí quando foi de tarde ela voltou pra eu rezar pela segunda vez. E quando ela voltou já estava andando bem direitinho. Precisou nem mais vir de moto taxi. Diz ela que pegou, botou o que eu falei, e, quando secou, ela tirou, e aí já estava sequinho o ferimento. Aí quando foi no outro dia já estava bem seco. Morreu tudinho ele. Secou toda a feridona que ela tinha (Zenaide, entrevista realizada em 2021).

Percebe-se que a benzedeira, mesmo morando há mais de 40 anos no município de Amaturá, ainda é reconhecida e lembrada por suas atividades desde o tempo em que residia na comunidade do Bahia, nos mostrando que seu prestígio e reconhecimento não foram apagados

com o tempo ou com sua partida da comunidade em que vivia com seu marido e seus filhos.

Zenaide não é a única a utilizar a mandioca em suas práticas. A benzedeira Raimunda também faz uso de tal recurso, pois “para curar o vermelho de verdade tem que ser com a massa de mandioca. A gente rala ela faz a massa e passa em cima de onde tá a doença. Com ela, na hora as feridas param de coçar e começam a secar” (Raimunda, entrevista realizada em 2021). A mandioca, usada para a produção da farinha, é um dos alimentos mais consumidos e cultivados na Amazônia. Temos, dessa maneira, alimentos regionais agregados às benzeções. “Esses mecanismos utilizados pelas benzedeadas têm sua eficácia, pois, só com o entendimento do fenômeno da benzedura, é que podemos perceber que esse tipo de ação não é apenas composto de credices e simpatias” (Trindade, 2011, p. 99).

Nas falas dos benzedores em Amaturá notamos que é bastante importante que se construa uma imagem de um bom benzedor, e para que sejam vistos como benfeitores, há aparente necessidade de deixar claro o seu papel perante a sociedade, deixando-nos perceber que, durante a formação de sua identidade, há um entrave entre o sistema social e o simbólico. Tal questão fica clara desde o início da pesquisa, a partir da maneira que preferem ser reconhecidos como benzedores, e não feiticeiros – pessoa que visa fazer o mal para outrem –, charlatãs – pessoa de má índole que visa enganar o próximo a fim de obter vantagens –, ou macumbeiros – que entre os benzedores é visto na figura do indivíduo que faz uso de práticas demoníacas para a obtenção da cura do doente.

Tal inquietação com a possibilidade que alguém lhes interpretasse de forma diferente da imagem de agentes que operam em prol da missão que foi lhes passada por Deus é demonstrada em suas falas: “maninho, muita gente vem aqui achando que a gente é macumbeiro ou que faz coisas erradas contra os outros, mas isso não é verdade, aqui eu só quero que todo mundo fique bem, que todo mundo fique bom” (Francisco B., entrevista realizada em 2021). Já a senhora Zenaide diz que “de nada adiantaria eu fazer o bem pra uns, e pra outros o mal. Então pensar que a gente faz coisa errada não tem sentido” (Entrevista realizada em 2021).

As falas dos benzedores nos permitem observar que, entre os amaturaenses, uma parcela da população pode os enxergar como bruxos ou feiticeiros e que realizam também atividades que levem o mal terceiros, campo em vai na contramão de sua atuação, visto que seu objetivo é apenas proporcionar o bem e desfazer o mal de seus clientes. Tais pensamentos equivocados sobre suas práticas causaram desconfortos severos em alguns benzedores, os levando até a pensar em desistir de suas atividades:

Olha, não parece, mas o preconceito existe e até quase me deixou parar de benzer. Quando a gente benze assim tem gente que fala mal da gente, mas eles não sabem o que a gente faz. Me chamaram de feiticeira. Diziam que eu era a maior feiticeira e que eu ia matar as pessoas. Naquele dia que eu ouvi isso eu chorei tanto. Eu falava pra Deus e dizia:

Senhor, só tu sabe quem eu sou e que eu não quero fazer mal pra ninguém. E era gente daqui do município mesmo. De habitantes daqui, que eu conhecia (Maria, entrevista realizada em 2021).

Apesar de se tratar de um pequeno município, como o caso de Amaturá, onde seus habitantes conhecem uns aos outros, o preconceito existiu e existe. Ainda que de forma subliminar, ou não, o preconceito se apresenta como parte da realidade que os benzedores tendem a enfrentar durante sua vida.

O receio de ser interpretados como charlatãs, macumbeiros ou bruxos é algo que sempre fez parte do cotidiano de suas atividades, mas isso não é algo novo, uma vez que o cientificismo acadêmico, ao logo dos tempos, desprezou a possibilidade de considerar as causas psicossomáticas das doenças, sobre as quais as pesquisas eram ainda incipientes, e passou a discriminar todos aqueles que eram envolvidos em alternativas populares de saúde (Tramonte, 2001).

Entretanto, apesar dos preconceitos que possam a existir sobre os benzedores e suas atividades, eles continuam a desempenhá-las com alegria e sem receio, visto que seu objetivo está em alcançar o reestabelecimento da harmonia física e expulsar as doenças do corpo do enfermo, sejam de ordem físicas – aquelas as quais os benzedores apontam vir mediante origens de acidentes, ingestão de alimentos contaminados e baixa imunidade corporal –, ou de ordem espiritual – aquelas que são repassadas a partir de quebranto, mau-olhado, espíritos ou feitiços.

Outro aspecto importante de ser exposto é quanto ao processo aprender/reconhecer as enfermidades. Esse conhecimento pode ser adquirido tanto de forma sistêmica – no dia a dia com ensinamentos de outro agente – quanto por experiência sobrenatural – sem necessariamente que estes estejam isentos de passar por algum tipo de aprendizado ou troca de informações com outros benzedores.

Percebe-se que aqueles que possuem o processo de benzimento com base em uma aprendizagem sistêmica possuem uma espécie de manual prático para o reconhecimento das enfermidades e das rezas e orações a serem utilizadas para tal, a partir de familiares. “Eu fui aprendendo a conhecer a doença no dia a dia, vendo meu pai benzendo nos outros, vendo os sintomas, como ele identificava e quais plantas usava para cada caso” (Zenaide, entrevista realizada em 2021). O senhor Milton também expõe sobre o seu aprendizado com seu pai e sobre as formas de diagnosticar as enfermidades:

É só chegar aqui que eu sei qual é a doença hoje em dia. Hoje eu descobro com o próprio conhecimento, vendo o jeito que cada corpo fica com cada uma. É vendo, sentindo, pegando. O pai traz a criança aqui e aí, olhando pra ela, já sei qual doença ela tem, o que precisa fazer, e já se vai rezando para tratar aquela doença. Eu aprendi desde o tempo que o meu pai rezava, aprendi com ele ensinando

e comigo vendo. Desde quando eu comecei a me entender por gente eu ficava observando as pessoas que iam atrás dele doentes, o que elas tinham, quais eram os sintomas daquela doença e como fazer pra tratar e a pessoa ficar boa (Milton, entrevista realizada em 2021).

Cada benzedor tem sua maneira de realizar o diagnóstico e diferenciar as doenças que atingem seus clientes, mesmo que elas tenham sinais e sintomas parecidos, como o caso do quebranto, espanto e mau-olhado. Ao perguntar ao senhor Francisco F. sobre como diagnosticar se uma criança está com mau-olhado, quebranto, ou espanto ele fala: “quebranto ou mau-olhado eu vejo aqui pela cabeça dela, bem no meio da moleira. Quando a moleira da criança está funda, é quebranto. E se não tiver fundo é mau-olhado” (Entrevista realizada em 2021).

Referente ao diagnóstico do espanto comenta que “o espanto são os mesmos sintomas dos dois, mas ele acontece depois de o bebê ser sacudido ou ter passado por um susto” (Francisco F., entrevista realizada em 2021). Ainda quanto ao que provoca o quebranto, descobrimos que “ele vem quando você tem sua família ou algo e alguém olha torto, tem inveja ou algo do tipo e aí solta uma energia ruim contra vocês e o corpo fica mal porque ele sente a carga negativa contra ele” (Milton, entrevista realizada em 2021).

De forma particular, cada um busca suas formas e fórmulas para que suas práticas de benzeduras venham a obter êxito e deem a resposta necessária contra cada enfermidade que venha a acometer o indivíduo. Um de nossos interlocutores, que não passou pelo aprendizado sistêmico, nos expõe sobre o seu processo de conhecimento das doenças:

Eu apenas fui benzendo, olhando como cada criança estava. Conforme as pessoas vinham me procurar eu ia sabendo mais ou menos o que era, vinha uma intuição que me dizia mais ou menos o que era e o que fazer. O que eu não sabia era qual oração fazer para aquela doença. Mas conforme eu benzia, iam melhorando e os remédios dando certo, eu já repetia com outra pessoa que viesse me procurar com os mesmos sintomas (Francisco F., entrevista realizada em 2021).

Outra benzedora tinha estratégia semelhante para o diagnóstico das doenças:

Pra aprender cada doença eu pedia de Deus. Peço que Ele me explique qual a doença quando eu não sei, que Ele me dê uma luz quando eu não sei. Mas eu geralmente já sei sempre qual é a doença só de ver. De tanto que aparece gente com essas doenças aqui a gente já vai acostumando e aprendendo como ela ataca na pessoa. Se tu tá com mau olho, eu vejo só pelo teu olhar (Raimunda, entrevista realizada em 2021).

No caso da senhora Raimunda, como não teve um aprendizado tão aprofundado quanto aos que tinham familiares como seus professores, ela mesma teve que desenvolver as suas formas de diagnósticos e os remédios que seriam usados para cada enfermidade:

Foi eu mesma, da minha ideia, que fiz isso aí. Eu fiz, testei e aí deu certo, então passei a fazer. E sempre deu certo. Eu pensava em remédios que eram bons pra tal doença, que se parecia com as que a pessoa tinha, e aí eu ia e combinava essas coisas e testando se dava certo. Se desse certo eu continuava, se não desse eu ia ver outro pra dar na próxima vez que a pessoa viesse aqui. A gente tem que pedir de Deus, né? Eu sempre peço sabedoria de Deus antes de fazer qualquer remédio pra alguém (Raimunda, entrevista realizada em 2021).

Durante as benzeções, geralmente, é feito o sinal da cruz sobre a cabeça e o corpo do cliente antes que se inicie as rezas, como já exposto previamente, mas julgamos importante citar como acontecem na prática. Quando a doença que acomete o benzido é ezipla (micose desencadeada pelo adentramento de bactéria na pele), cobreiro (erupção cutânea atribuída à passagem sobre a pele, ou sobre a roupa utilizada, de cobra ou outro animal peçonhento) ou rasgadura (rompimento da musculatura a partir da realização de algum movimento brusco), a cruz é gesticulada com uma rama de pinhão roxo ou vassourinha, a fim de que aquele mal seja expulso. Também é feito, com palha de açai benta ou com a vassourinha, uma cruz sobre a parte lesionada, no caso de rasgadura ou peito aberto (dor na região peitoral a partir da realização de intensos movimentos ou movimentos repetitivos).

Enquanto a cruz vai sendo feita, em sentido horizontal e vertical, as orações vão sendo faladas em pequenas jaculatórias que misturam elementos católicos – com a súplica da cura para santos reconhecidos no mundo religioso do catolicismo –, xamânicos – com súplicas ou citações aos encantados – e elementos evangélicos – em que é percebida a presença de uma linguagem específica de tal religião.

Durante todo o desenrolar da pesquisa, notamos que não podemos realizar a sistematização dos saberes dos benzedores de Amaturá, nem suas orações, benzimentos, recursos terapêuticos e procedimentos, como uma fórmula que pode ser executada de maneira fácil, sem eficácia ou representatividade sociocultural.

É vasto o conjunto de elementos simbólicos que permeiam a benzeção, por exemplo, a sua relação com o divino, a solidariedade dos benzedores com todos, o dever em realizar a bondade, as fórmulas e rezas aprendidas, sua interação com a natureza e as mais variadas experiências nesse universo particular ao longo de suas décadas de práticas. Dessa maneira, a atuação dos benzedores, tão importantes para a saúde da população, também proporciona a continuidade e o reconhecimento espontâneo de

tal fenômeno – inclusive pelas instituições e profissionais da medicina ocidental –, que é de grande importância para a população.

CONCLUSÃO

Os benzedores, em Amaturá, desempenham um grande papel social na cura dos males que resultam na desordem a partir de natureza física ou espiritual dos habitantes. A população que faz uso de seus atendimentos independe de idade, classe social ou crença religiosa. Nota-se que há, por parte da população, marcante confiança nas atividades desenvolvidas por esses homens e mulheres, uma vez que, em diversos casos, há primeiramente a procura às práticas terapêuticas tradicionais que às eruditas.

Na cidade, o benzimento tem presença e atuação consolidada em todas as camadas sociais, o que é de grande significância, uma vez que as pessoas são parte fundamental para a popularização dos benzedores, das suas práticas. Dessa maneira, os benzidos, ao passo que divulgam a eficácia da benzeção, ajudam na consolidação do papel de atuação dos seus praticantes, da mesma maneira que contribuem com o reconhecimento e as permanências de tais saberes.

Também vale ressaltar que as práticas de benzedura são feitas totalmente de forma gratuita, sem nenhum tipo de remuneração ou agrado por parte dos benzidos. Para os benzedores, o ato de ajudar o próximo é a sua grande recompensa, pois nada é mais gratificante que cumprir com amor e respeito a missão que lhes foi presenteada. Missão esta que hão de desempenhar com muita felicidade até o dia da sua partida.

O espaço de atuação dos benzedores e benzedoras aparenta estar consolidado e definido, uma vez que não há relatos de maiores entraves com entidades religiosas ou determinados segmentos da sociedade ou instituições públicas. Entretanto, não devemos associar isso a um perfeito estado harmônico local – ou a um enfraquecimento da sociedade que não demonstra maiores resistência –, mas sim que o benzimento e as benzeções possuem lugar marcante e específico no combate às enfermidades que não fazem parte do leque de atuação da medicina ocidental.

Notou-se, ainda, que a medicina institucionalizada não interfere no campo da benzeção, pelo contrário, houve relatos da atuação conjunta, em várias situações, de benzedores e profissionais da medicina erudita, no tratamento de enfermidades da população amaturaense nos lugares de atuação dos médicos. Dessa forma, vemos as benzeduras realizadas de forma livre e sem maiores resistências no hospital do município ou postos de saúde.

Percebemos também estar enraizada a ligação dos benzedores com o universo da natureza. Com o auxílio da floresta e dos seus recursos, as suas benzeções são executadas, tal qual os banhos, os remédios, as garrafadas, as pomadas etc. Conhecimentos estes vastos e provindos do xamanismo

e da pajelança, que se fazem presentes na realização das práticas de cura e intervenções nos benzidos.

Contundo, desde o iniciar da pesquisa, notou-se que os benzedeiros são bastantes importantes na cidade de Amaturá, tanto em relação à saúde local quanto para a reafirmação da identidade cultural nas crenças tidas como populares. Apesar da idade, de suas obrigações diárias e do grande esforço e dedicação que a prática exige, seguem adiante no exercício de sua missão, deixando sua parcela de contribuição para a sociedade e, assim, vão levando em frente esses saberes e práticas que se fizeram e se fazem presentes no decorrer da humanidade.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. *Marginalia: algumas notas adicionais sobre o dom.* **Mana**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 07-20, out, 1996. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/mana/v2n2/v2n2a01.pdf>. Acesso em: 19 out.2023.

CASCUDO, Luiz da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. São Paulo: Ediouro, 1954.

CAVALCANTE, Patrícia Carvalho. **De nascença ou de simpatia: iniciação, hierarquia e atribuições dos mestres na pajelança marajoara**. 2008. 104 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal do Pará, Belém, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/5269>. Acesso em: 12 out. 2021

CAVALCANTE, Simone Cadêlha. **Entre a ciência e a reza: estudo de caso sobre a incorporação das rezadeiras ao Programa de Saúde da Família no município de Maranguape-Ce**. 2006. 97 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) Departamento de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <https://tede.ufrjr.br/jspui/handle/tede/669>. Acesso em: 20 out. 2023.

GALVÃO, Eduardo. **Santos e visagens: um estudo da vida religiosa de Itá, baixo Amazonas**. São Paulo: Brasiliana, 1976.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Estimativa Populacional 2021. **IBGE**, 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/am/amatura.html>. Acesso em: 09 out. 2021.

LANGDON, Esther Jean; WIIK, Flávio Braune. Antropologia, saúde e doença: uma introdução ao conceito de cultura. **Latino-Americana de Enfermagem**, [s. l.], v. 18, n. 3, p. 459-466, jun. 2010.

LEITE, Silvana Nair Leite; DA PENHA, Maria Costa Vasconcellos. Negociando fronteiras entre culturas, doenças e acordos no cotidiano familiar. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, [s. l.], v. 13, n. 1, p. 113-128, jan./mar. 2006.

LOYOLA, Maria Andréa. **Médicos e curandeiros: conflito social e saúde.** São Paulo: DIFEL, 1984.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. Medicinas populares e pajelança cabocla na Amazônia. In: ALVES, Paulo César; MINAYO, Maria Cecília de Souza (orgs.). **Saúde e doença um olhar antropológico.** Rio de Janeiro: Fiocruz, 1994. p. 73-81. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/tdj4g/pdf/alves-9788575412763-06.pdf>. Acesso em: 19 out.2023.

MOURA, Elen Cristina Dias de. **Entre ramos e rezas: o ritual de benzeção em São Luiz do Paraitinga, de 1950 a 2008.** 2009. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Departamento de Ciências Sociais e Humanas, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

OLIVEIRA, Elda Rizzo de. **Doença, cura e benzedura: um estudo sobre o ofício da benzedeira em Campinas.** 1983. 193 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Departamento de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1983. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalle/17930>. Acesso em: 09 out. 2021.

PENAFORTE, Gilcirley Santana. **Ofício de fé: rezadeiras no município de São Paulo de Olivença – AM.** 2021. 143 f. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Departamento de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2021. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/8457>. Acesso em: 11 out. 2021.

QUINTANA, Alberto M. **A Ciência da Benzedura: mau olhar, simpatias e uma pitada de psicanálise.** Bauru: EDUSC, 1999.

RODRIGUES, Melina Soares. **Benzedoras e Raizeiras: entre novas e velhas práticas.** 2018. 154 f. Dissertação (Mestrado em Ciências e Tecnologias da Saúde) – Departamento de Ciências da Saúde, Universidade de Brasília, Brasília, 2018. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/33893>. Acesso em: 11. Out. 2021.

SANTOS, Francimário Vito dos. O ofício das rezadeiras como patrimônio cultural:

religiosidade e saberes de cura em Cruzeta na região do Seridó Potiguar. **Revista CPC**, [s. l.], n. 8, p. 6-35, out., 2009.

TRAMONTE, Cristiana. **Com a Bandeira de Oxalá! Trajetória, práticas e concepções das religiões afro-brasileiras na Grande Florianópolis.** 2001. 551 f. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) – Departamento de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/81402>. Acesso em: 11 out. 2021.

TRINDADE, Deilson do Carmo. **Ainda se Benze em Parintins: rezas e simpatias nas práticas das mulheres benzedoras.** 2011. 186 f. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia)

– Departamento de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2011.

Submetido em: 22/12/2021

Aprovado em: 20/06/2023

Erik Gonçalo Rubem

erikgrubem@gmail.com

Doutorando do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social PPGAS/UFAM.

Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia PPGSCA/UFAM (Brasil)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6262-4826>

Renilda Aparecida Costa

renildaaparecidacosta@gmail.com

Doutora em Ciências Sociais pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. Professora adjunta da Universidade Federal do Amazonas e professora do Programa de Pós-graduação Sociedade e Cultura na Amazônia PPGSCA/UFAM (Brasil)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5416-8226>